

## Corporeidade, fenomenologia e psicanálise: os teatros do corpo

Iraquitã de Oliveira Caminha<sup>1</sup>

**Resumo:** Nosso objetivo é analisar a noção de corporeidade por meio da visão de Merleau-Ponty, Freud e McDougall com o propósito de pensar a corporeidade humana na formação da subjetividade. O centro de nossas reflexões é colocar em destaque o modo como a fenomenologia e a psicanálise concebem o corpo, valorizando as dimensões intencionais e pulsionais da existência humana. Examinamos as relações entrelaçadas entre o sentir, a motricidade e a expressividade no contexto da formação dos teatros do corpo em que a vida é representada. Concluímos mostrando que o processo de nos constituirmos sujeitos é realizado por meio de interações intercorpóreas que, originalmente, são estabelecidas pela experiência de se fazer presente ao outro pelas atuações teatrais do corpo. Somente depois, essa experiência toma a forma de representações simbólicas.

**Palavras chaves:** Corporeidade. Filosofia. Psicanálise. Merleau-Ponty. Freud. McDougall

**Abstract:** Our goal is to analyze the notion of corporeity through the vision of Merleau-Ponty, Freud and McDougall for the purpose of thinking human corporeity in the formation of subjectivity. The heart of our reflections is to highlight the way in which phenomenology and psychoanalysis conceive the body, valuing the intentional and pulse dimensions of human existence. We have examined the interwoven relations between feeling, motricity and expressiveness in the context of the formation of the body theaters in which life is represented. We conclude by showing that the process of constituting ourselves subjects is carried out through intercorporeal interactions that, originally, are established by the experience of being present to the other by the theatrical performances of the body. Only then does this experience take the form of symbolic representations.

**Keywords:** Corporeity. Philosophy. Psychoanalysis. Merleau-Ponty. Freud. McDougall

### Introdução

Nosso propósito é discutir a compreensão de corporeidade humana por meio de uma reflexão entre Merleau-Ponty e a psicanálise, considerando o estabelecimento de relações intercorpóreas nos primeiros tempos de vida. Tomamos como ponto de partida as concepções de Merleau-Ponty sobre o corpo próprio e as de Freud sobre o corpo pulsional para pensar a formação dos teatros do corpo a partir de Joyce McDougall.

O corpo, para Merleau-Ponty, nunca pode ser reduzido às explicações funcionais do organismo. Essas explicações apenas fornecem uma leitura objetiva e em terceira pessoa do corpo humano. O filósofo nos convida para considerar o corpo a partir da sua condição existencial de ser corpo no mundo por meio de nossas experiências perceptivas, que são vividas em especial pelo sentir, motricidade e expressividade. Esses três elementos entrelaçados constituem o sentido originário de ser corpo antes de qualquer explicação anatômica, fisiológica, bioquímica ou genética sobre o corpo.

Freud, apesar de sua formação médica no cenário positivista e biologicista, busca construir uma compreensão do corpo por meio da sua clínica psicanalítica. Inclinando-se para escutar o outro, Freud entra em contato com o corpo como fonte

---

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de Educação Física da UFPB, do Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFPB.

pulsional. O corpo não apenas realiza ações para satisfazer necessidades orgânicas, mas se dirige aos objetos para satisfazer desejos e sentir prazer.

Acreditamos que a metáfora do teatro, usada por McDougall, pode ser uma referência para refletir sobre o corpo se constituindo sujeito por meio de atos intencionais, tal como Merleau-Ponty tratava o corpo próprio, e por meio de atos de desejos inconscientes, tal como Freud concebia o corpo pulsional. A vida nos exige interpretar vários papéis existenciais em que o corpo assume um lugar central nas representações desses papéis. Nesse sentido, o corpo tem nome, uma história, vínculos familiares e institucionais. Ele não é apenas um pedaço de matéria extensa ou um organismo em funcionamento.

Esperamos que, abordando a visão de Merleau-Ponty sobre o corpo próprio ou vivido, possamos alcançar uma interpretação sobre o corpo se constituído sujeito pelos atos intencionais de perceber. Desejamos ainda que, discutindo a visão de Freud sobre o corpo pulsional, possamos atingir uma compreensão sobre o corpo tornando-se sujeito pelos atos dos desejos inconscientes. Correlacionando as duas visões, esperamos alcançar a constituição da subjetividade no contexto dos teatros do corpo, segundo McDougall. Esses teatros estabelecem os horizontes fundamentais em que o sujeito desenvolve seus papéis no ambiente do entre-dois, formado pelas relações intercorpóreas originárias.

Não basta apenas afirmar que a subjetividade advém do próprio corpo no lugar de concebê-la como uma substância independente que se associa ao corpo, conforme pensava Descartes. É preciso devolver argumentos que mostrem como os processos vividos pelo corpo, por meio de laços intercorpóreos, nos transforma em sujeitos. Eis o desafio que anima o nosso artigo.

### **O corpo na visão de Merleau-Ponty**

Pensamos que para discutir a visão de corpo de Merleau-Ponty à luz do conceito de corpo próprio ou vivido é preciso articular, por meio da fenomenologia da percepção do filósofo, os conceitos de sentir, motricidade e expressão. Na nossa compreensão, a obra *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty representa um sinal de esperança no fim da segunda guerra mundial. O filósofo lutou na Resistência contra a ocupação nazista na França e presenciou de perto todo o horror da guerra – corpos mortos, desamparados, queimados e dilacerados como coisas no terrível cenário da guerra. A filosofia de Merleau-Ponty é o esforço de elevar o corpo à condição de sujeito.

Os tratados de física, anatomia e fisiologia não conseguem dizer tudo do corpo humano. É preciso que os corpos narrem suas percepções de si mesmos e dos outros. Antes de explicar o que são nossos corpos, já somos corpos presentes ao mundo. São os modos de ser corpo no mundo vivido que Merleau-Ponty deseja colocar em evidência nas suas reflexões filosóficas. O corpo sentindo, agindo e se expressando revela sua condição existencial de sujeito encarnado no mundo.

Quando sentimos o calor intenso do verão no nordeste do Brasil, o corpo não vive essa experiência como se fosse apenas uma realização mecânica e objetiva. A experiência de sentir não se reduz a uma série de estados mentais em terceira pessoa ou a um conjunto de representações mentais constituído por uma consciência desencarnada do mundo. O corpo que sente é um sujeito que se constitui como um “eu posso” sentir, se mover e se expressar. Essa é a manifestação mais arcaica da estrutura egóica.

Segundo Merleau-Ponty (1992), o corpo é o sujeito natural que se constitui *ego* por meio da uma unificação das diferentes experiências de sentir enquanto síntese estesiológica vivida pelo corpo. O corpo é nosso ponto de vista sobre o mundo que nunca pode ser para nós mesmo um objeto à distância. Ele é sempre presente por conta da experiência perceptiva. No lugar de ser um objeto, o corpo é aquele por meio do qual um mundo de objetos torna-se possível.

Se a subjetividade se caracteriza pela reflexividade de retorno a si, essa torção sobre si é vivida originalmente pelo próprio corpo. Tal reflexividade pode ser considerada pela experiência das mãos que, ao mesmo tempo, toca e é tocada. Quando dirijo minha mão direita para tocar minha mão esquerda, as duas mãos vivem, ao mesmo tempo, a condição de tocante e tocada. Nesse sentido, o corpo não pode ser considerado uma realidade plenamente objetivada como uma realidade positiva. Ele nunca está lá, mas sempre presente a mim como um aqui primordial. Mesmo que o corpo possa se fazer lá pela percepção, ele faz sempre essa ação a partir de um aqui primordial.

Mesmo quando usamos o nosso corpo para perceber alguma coisa, iremos perceber em perspectiva. Isso significa que nada se faz plenamente objeto para o corpo que percebe. Todavia, o corpo não somente sente, ele também tem o poder de se mover. Ele pode explorar um objeto percebido pelos seus movimentos. Nesse momento, podemos considerar de maneira entrelaçada percepção e motricidade para pensar o corpo como sujeito. A intencionalidade, enquanto experiência de se dirigir para alguma coisa, se faz presente na vida do corpo em especial por conta desse entrelaçamento.

Segundo Barbaras (1978), o “eu posso” somente se manifesta no modo de um “eu faço” e, reciprocamente, somente podemos considerar um “eu faço” na formar de um “eu posso”. Quando percebemos alguma coisa, não realizamos um ato para alcançar um objeto representado, mas um encontro com uma aparência concreta em direção à qual projetamos nosso corpo pelo movimentar-se. Logo, “a subjetividade não tem, primeiramente, a função de constituir objetos, mas a de responder a acontecimentos” (BONFAND, 1995, p. 9). O corpo se faz sujeito pelas suas ações de sentir. É buscando sentir a si mesmo e ao mundo pelos atos perceptivos que o corpo vai se constituindo sujeito.

Segundo Merleau-Ponty (1992, p. 245), “o sujeito da sensação não é nem um pesador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em certo meio de existência ou sincroniza com ele”. Segundo o filósofo, a experiência de sentir-se com sono não é apenas a experiência de uma mecânica orgânica. O corpo que sente sono e o sensível sono formam uma unidade estesiológica vivida pelo corpo-sujeito. Desse modo, o corpo realiza ações que transformam o sono, explicado objetivamente por meio da fisiologia, em seu próprio sono. Para dormir, nosso corpo respira de forma lenta e profunda, buscando criar dispositivos subjetivos advindos do próprio corpo. No ato de dormir, podemos identificar atos intencionais realizados pelo corpo que nos impedem de considerar o sono como apenas reações passivas de mecanismos físico-químicos.

Para Merleau-Ponty, não basta apenas constatar que somos corpos no mundo. É preciso encontrar a fenomenalidade dessa constatação existencial. Para isso, somos sempre levados ao retorno à experiência de sentir e de se movimentar. Todavia, o corpo também se expressa e se comunica com o outro. Os corpos estabelecem relações intercorpóreas criando espaços de convivência que possibilitam um face-a-face. No início, são gemidos, gritos, choros e caretas. Essas expressões são gestos originários

do corpo que se comunica com o outro. São os gestos do infante que ainda não fala a linguagem articulada por uma língua convencionalizada.

Com base em Merleau-Ponty, as experiências de se fazer presente ao outro pelas expressividades do corpo são as manifestações da subjetividade encarnada no mundo. A inserção do corpo no mundo, princípio fundamental da filosofia de Merleau-Ponty, não se caracteriza por uma fusão. Existe uma relação de aproximação a distância. “É nesse sentido que pensamos que a abertura para o aparecer das coisas mesmas, que caracteriza a essência da experiência perceptiva, é, finalmente, para Merleau-Ponty, aproximação a distância” (CAMINHA, 2010, p. 23).

As relações intercorpóreas estabelecem uma sinergia sensível entre os corpos humanos. Nossos corpos não podem ser reduzidos a fragmentos de matérias lançados no espaço terráqueo. Não somos inertes como uma rocha encravada na terra. Somos corpos que se dirigem ao mundo com nossas diferentes possibilidades de se fazer presentes nele pelas nossas experiências de sentir, de movimentar e de se expressar.

Pelo corpo, podemos fazer com que o gemido de dor e a alegria do sorriso, expressos por um bebê, sejam também nossos. O sentido “de ser nossos” não significa dizer que vamos sentir tal como o outro sente. Mas enquanto corpo que pode também vivenciar a experiência de dor e alegria. Esse poder é comum ao meu corpo e ao corpo do outro pela força expressiva que temos de se comunicar com o outro. Nossos movimentos não são meros deslocamentos no espaço. Eles são comportamentos que expressam formas de existir.

Nós humanos não apenas vivemos, mas criamos formas de vida. Nesse sentido, nossas vidas são expressões criativas. É por essa razão que Merleau-Ponty compreende o corpo humano como obra de arte. Não apenas usamos o corpo para produzir obras de arte, mas fazemos de nosso próprio corpo obra de arte. Nessa produção, natureza e cultura se entrecruzam para gerar expressões do corpo. Todavia, essas expressões do corpo não são independentes do mundo que ele pertence. O corpo-sujeito de gestos expressivos não é absolutamente soberano de suas ações. Forças inconscientes atuam nele. Há em nossos atos aquilo que Freud chama do estranho-familiar.

O corpo não é totalmente soberano nos seus atos. Para Merleau-Ponty, o corpo, que se expressa em suas ações, revelam que os comportamentos não são apenas reações mecânicas submetidas às relações causais. Todavia, essa expressividade não nos autoriza a definir que os atos intencionais de se dirigir para os objetos sejam sempre conscientes. O filósofo faz menção aos atos irrefletidos do corpo. Nesse sentido, propomos estabelecer uma aproximação de Merleau-Ponty com Freud. Esperamos que, ao mostrar a visão de Freud sobre o corpo, seja possível não somente considerar a dimensão intencional das expressões do corpo, mas também a dimensão pulsional do corpo, que aponta para razões subterrâneas do agir humano, entrelaçando, assim, o somático com o psíquico.

### **Corpo na visão de Freud**

Mesmo que possamos encontrar nas reflexões de Freud sobre o corpo uma forte presença de elementos biológicos, podemos dizer que ele também concebe o corpo humano transcendendo à vida meramente biológica. Na visão de Freud, o corpo humano nunca será apenas um organismo vivo submetido às alterações metabólicas que determinam as autoregulações orgânicas e o processo de reprodução da espécie. Logo, a realidade somática não é totalmente regida por funções orgânicas.

Freud não reduziu suas compreensões do corpo aos seus estudos de medicina. Ele não contou apenas com seus estudos de neuroanatomia e neurofisiologia para dizer

o que é corpo. Seu trabalho clínico foi decisivo para formular sua visão do corpo humano. Usou a técnica da associação livre e da escuta flutuante para identificar que o corpo apresenta uma série de comportamentos que são expressões sintomáticas do inconsciente. Freud (2014), em *Inibição, Sintoma e Angústia*, mostra o quanto alterações nas funções sexuais, nutricionais, na locomoção e no mundo do trabalho podem ser consideradas no contexto das expressões de natureza psicossomática. Essas alterações não são apenas orgânicas, mas pulsionais, compreendendo a pulsão como um conceito fronteiro entre o psíquico e somático.

Ejaculações precoces e falta de apetite sexual, perda da vontade de comer ou de se alimentar de forma compulsiva, enxaqueca, fraqueza para andar, paralisias no corpo e fadigas acentuadas por conta do trabalho podem ser identificadas como inibições diretamente associadas ao corpo e suas funções orgânicas. Mas, é possível, numa perspectiva psicossomática, pensar essas disfunções como sendo limitações funcionais do corpo-sujeito. As ações do corpo de se dirigir intencionalmente para o mundo são também de natureza afetiva, erótica e libidinal. O entrelaçamento entre sentir, se movimentar e se expressar do corpo ganha com Freud uma forte significação sexual.

O dirigir-se para o mundo em que o corpo habita exige atos intencionais e pulsionais. Assim, “o corpo é massa energética, marcada pelos desejos inconscientes” (CAMINHA, 2016, p. 31). Enquanto massa energética, a pulsão está na gênese da atividade motora do corpo e no funcionamento psíquico inconsciente. O modo como o corpo age é decorrente das marcas de reminiscências de experiências vividas no ambiente, capazes de transformar as inibições corporais em sintomas. As emergências do pulsional no corpo advém das tensões entre as satisfações da ordem do prazer e as repressões ambientais da realidade. Se ficarmos reféns dos saberes exclusivamente fisiológicos, nunca alcançaremos uma leitura psicanalítica do comportamento fundada na noção de sintomas psicossomáticos.

Considerar o corpo pelo viés meramente anátomofisiológico significa colocar a emergência do pulsional apenas seguindo o modelo do arco-reflexo, que consiste em examinar a presença de um estímulo exterior atingindo o organismo, seguido de uma resposta mecânica. O conceito de pulsão estaria subordinado ao conceito de estímulo. Identifica-se, assim, uma identidade entre a pulsão e o estímulo. Tal identidade é contestada por Freud.

Para Freud (1974), existe uma diferença entre os estímulos externos e internos. Uma luz forte que incide sobre os olhos é diferente de uma irritação da mucosa do estômago que provoca a sensação de fome. Excitações por intervenção de algo que nos atinge de fora do corpo não tem a mesma origem daquelas que acontecem no interior do corpo. Essa diferença serve para mostrar que as pulsões ocorrem a partir do interior do corpo. O exemplo mais destacado por Freud (1974) é a experiência de sucção do bebê. Para sugar as primeiras vezes o seio da mãe, a criança usa de imediato o reflexo de sucção. Depois ela já começa a realizar ações de buscar o seio para se alimentar. Todavia, ela não somente suga o seio da mãe para suprir suas necessidades fisiológicas da fome. Ela acaba demorando no seio realizando uma ação que é da ordem do chupetear, expressando o prazer de sugar. É nesse contexto, que Freud (1974) fala da ação pulsional do corpo.

Os atos intencionais de se dirigir em direção aos objetos precisam ser considerados de maneira alargada contemplando uma dimensão erótica, libidinal e pulsional. Alimentar-se não é uma experiência da motricidade que se reduz ao universo de ações automáticas, guiadas por necessidades fisiológicas. O corpo se faz sujeito pela busca de ações que lhe promovem prazer. O bebê mama também pelo prazer do órgão excitado. O corpo para manter-se vivo realiza ações pulsionais cujos

destinos são de extremo interesse para a psicanálise. Tendo em vista que as excitações pulsionais têm sua gênese o interior do corpo e que, enquanto força permanente, é impossível se livrar delas, o que cabe ao corpo pulsional fazer é encontrar um destino para tais excitações. Desse modo, as pulsões têm um papel decisivo na constituição da subjetividade.

Evidentemente, Freud considera que o corpo não age apenas por conta do prazer. Existem ocasiões em que o corpo age para além do prazer. Freud, em seu texto, *Além do princípio do prazer*, descreve situações de vida em que o corpo pulsional não apenas realiza ações que buscam o prazer e evitam o desprazer. Às vezes, é possível identificar ações que, no lugar de intensificar a vida, revelam atos em busca da morte. Esses atos visam aquilo que Freud (2010) chama de retorno ao inorgânico.

Apesar desse reconhecimento de forças que expressam às pulsões de morte, Freud (2010, p. 206) faz uma elaboração contundente ao dizer que o “organismo pretende morrer apenas a seu modo”. Nasce aqui uma situação paradoxal em que se busca, ao mesmo tempo, conservar a vida e buscar a morte. Quando observamos corpos nas academias com uma forte compulsão de modelar o corpo, por meio de exercícios físicos, podemos dizer que eles não expressam somente a vitalidade da vida. É possível se apoiar nas ideias de Freud (2010) para considerar que esses corpos também expressam a atividade de forças que são da ordem da pulsão de morte. Muitas vezes essas práticas são acompanhadas com o uso de anabolizantes e expressam sintomas de vigorexia, compulsão por atividade física e dismorfia da imagem corporal. Não é apenas a intensificação da vida que se torna evidente. Existe também, muitas vezes, uma desmedida realização de exercícios que indicam um desrespeito aos limites do corpo e a presença de sinais da pulsão de morte.

O sentir, os movimentos e as expressões do corpo podem ser pensadas no contexto das experiências de prazer e desprazer. É preciso considerar o corpo nos cenários dos princípios de prazer/desprazer e de realidade. De um lado, tem as experiências de satisfação e insatisfação e do outro tem a realidade objetiva percebida como exterioridade. Freud (2014), curiosamente, chama atenção de que existe uma distinção entre as descrições fenomenológicas e o uso de sua metapsicologia. É por este caminho que ele vai colocar o problema da angústia nas ações do corpo numa perspectiva psicossomática. Quando Freud (2014) faz menção à metapsicologia não está criando uma visão de mundo. Ele diz que isso é uma atribuição dos filósofos. Ele afirma ainda que os filósofos sempre recorrem a um guia de viagem para realizar a jornada da existência. Para Freud, esse guia logo envelhece. Ele reconhece que a ciência acaba lançando pouca luz sobre os enigmas do mundo. Mas prefere tomar os caminhos da ciência. Todavia, a psicanálise não consegue obter o status de ciência nos moldes positivistas. Ela não consegue se enquadrar nas exigências do Círculo de Viena. Mesmo que Freud tenha objeções para seguir os passos das especulações filosóficas, consideramos que suas elaborações teóricas exalam os odores da filosofia e da literatura.

Quando escrevemos em psicanálise, estamos sempre nos deparando com os grandes enigmas da vida humana. É por essa razão que Freud recorre aos mitos para entrar em contato com os dilemas da existência humana. Nesse sentido, o corpo com suas percepções, movimentos e expressões precisam sempre ser questionados e repensados. Freud destaca, em suas reflexões psicanalíticas, os elementos obscuros e encobertos da vida humana estruturados por forças inconscientes.

O corpo pulsional de Freud nos ajuda a compreender a vida humana para além da dimensão funcional do organismo. É nesse contexto que podemos destacar o

exemplo dado por Freud (2014) dos comportamentos de zoofobia do pequeno Hans. O menino apresenta uma incapacidade de sair à rua como uma inibição expressa pelo corpo. Seu corpo estava bloqueado e não conseguia sair de casa. Apresentava como sintoma o incompreensivo medo de cavalos. Freud aponta uma restrição do Eu que impõe a si próprio para tentar conter a experiência de angústia.

Mesmo que Freud (2014) fale da necessidade de compreender a situação psíquica do menino, essa situação é sempre de natureza psicossomática. Isso nos faz pensar em Merleau-Ponty (1992), quando afirma que não temos um corpo, mas somos o nosso próprio corpo. Desse modo, não temos de um lado um Eu que usa seu corpo para expressar uma angústia. Mesmo que possamos recorrer ao complexo de castração ou de Édipo para decifrar os enigmas dessa angústia, temos sempre o corpo em destaque. Evidentemente, não estamos falando de um conjunto de representações que explicam o funcionamento orgânico do corpo. Estamos nos apoiando nas noções de corpo próprio e de corpo pulsional para considerar o corpo que transcende as determinações biológicas.

O corpo, na perspectiva psicanalítica, é sempre o teatro onde emerge o pulsional. Como diz Mcdougall (2013), o corpo tem a capacidade de transformar em encenações teatrais os conflitos inconscientes. O sujeito está sempre expressando no seu corpo soluções somatopsíquicas para seus conflitos afetivos, oriundo de suas relações intercorpóreas.

### **Os teatros do corpo na visão de Mcdougall**

Para Mcdougall (2013), quando consideramos os primeiros tempos dos relacionamentos humanos, estamos nos referimos às relações primordiais entre o bebê e sua mãe ou os seus cuidadores. O foco dessas relações primordiais são as percepções olfativas, táteis, visuais, auditivas e gustativas do infante, isto é, daquele que ainda não fala. As palavras são secundárias em relação à condição primordial do corpo de estar sempre presente ao mundo pelas suas percepções.

Para a psicanálise, a humanidade começa com um adulto cuidando de um bebê. Esses primeiros tempos são marcados por uma relação fusional entre o bebê e sua mãe. Mcdougall (2013) denomina essa fusão de prolongamento narcísico da mãe em relação ao infante. Isso permite a mãe interceptar o que o bebê sente e suas necessidades, sobretudo, seus sofrimentos. Como sendo parte das mães, os bebês são cuidados por elas na perspectiva de protegê-los dos desamparos da vida. A fusão instaurada não pode se prolongar. Ela deve existir para dar suporte à vida de um ser que ainda não fala. O bebê precisa ser ajudado a transitar de um teatro em que se predomina as percepções para um teatro com ênfase nas simbolizações.

O corpo do bebê se expressa pelos gemidos, choros, gritos e movimentos para comunicar seus sofrimentos. Ele pode fazer uma careta para comunicar que está com cólicas e a mãe pode traduzir como fome. Isso pode gerar falhas na comunicação. O bebê também expressa medos e angústias por meio de alterações no sono e na respiração. Nesse momento, é preciso a sensibilidade de traduzir e ofertar proteções aos conflitos somatopsíquicos do bebê, que se expressa pelas funções vitais do corpo. O corpo, concebido do ponto de vista vivido e pulsional, significa dizer que não se pode separar o vital do psíquico. Desse modo, processos digestórios se misturam com as fantasias da mente, que é sempre incorporada ao corpo.

Mcdougall (2013), dando atenção especial aos distúrbios do sono, consegue identificar elementos para analisar os teatros do corpo nos cenários da insônia. A insônia infantil é considerada por Mcdougall (2013) um indicador do desenvolvimento

do *ego*. Nesse sentido, podemos compreender, pela análise do ciclo sono-vigília, o processo do corpo se fazendo sujeito. A experiência de dormir não é apenas fisiológica, ela é de natureza psicossomática, portanto fenomenológica e psicanalítica. Fenomenológica na medida em que é intencional. Psicanalítica, considerando que ela revela conflitos psíquicos da ordem dos desejos inconscientes.

Segundo Mcdougall (2013), o dormir exige da criança a capacidade de adormecer e permanecer adormecida. Estamos falando de uma atividade vital que revela elementos da vida psíquica da criança encarnada em seu corpo. A insônia também pode revelar descargas motoras autodestrutivas. Muitas vezes as crianças se ferem nesses momentos. Ficam agitadas e inseguras. Tudo isso se revela nas expressões corporais. Cuidar da criança exige do cuidador sensibilidade para capturar suas expressões. Logo, para Mcdougall (2013, p. 88), “a capacidade de dormir, assim como a de sonhar, não pode ser remetida a um funcionamento puramente neurobiológico”.

É evidente que nos primeiros dias de vida, podemos identificar que o bebê tem fome e desperta, em seguida, sacia a fome e dorme. Esse ciclo revela uma dimensão biológica da vida. Temos a impressão de uma máquina orgânica que acorda e dorme em função de necessidades biológicas que não revelam, de imediato, elementos de natureza subjetiva. O corpo ainda não se fez *ego*. Apenas segue determinantes fisiológicos. Os movimentos do dormir e do acordar ainda não ganharam o formato de ações intencionais e pulsionais de maneira explícita. É no contexto dos vínculos intercorpóreos que a subjetividade vai se constituindo. Desse modo, é na presença do corpo do outro, carregado de cultura, que o corpo do bebê vai deixando de ser uma existência puramente biológica.

A psicanálise chama a atenção para a necessidade de libidinizar o corpo do bebê na elaboração do adormecer. Isso consiste em cantar uma canção de ninar, fazer carinhos e outras formas de manifestações culturais que possam gerar no bebê o gesto subjetivo do adormecer. Nesse cenário, o teatro do corpo ganha uma perspectiva afetiva, emocional e cultural. Pela presença erótica do outro, o corpo do bebê vai se tonando expressão de um sujeito e não apenas um organismo gerador de atos mecânicos.

O cuidador pode contribuir com investimentos libidinais que possibilitam o corpo do bebê vivenciar o sono como sentimento interior de bem-estar. Esse sentimento é decisivo na constituição da subjetividade. Produzir movimentos corporais em busca de repetir as vivências de bem-estar faz do corpo um sujeito de intenções e de desejos. O adormecer ganha motricidade e não apenas movimentos mecânicos desprovidos de *ego*.

Mcdougall (2013) afirma que se o bebê vivencia a experiência de adormecer em estado de abandono angustiado, muito provavelmente, ele terá distúrbios de sono. Os cuidadores devem fazer ações intercorpóreas para que o bebê tenha um sentimento de paz interior e consiga ter a segurança de que pode dormir tranquilo. Dormir por esgotamento é para, Mcdougall (2013), a revelação de um sono puramente fisiológico.

O sono está impregnado de elementos libidinais e narcísicos que apontam caminhos para o corpo se fazer sujeito. A força subjetiva do corpo está em não apenas seguir as programações biológicas já estabelecidas, mas adentrar-se no mundo libidinal e narcísico pelos vínculos intercorpóreos. Esse mundo permite, segundo Mcdougall (2013), assegurar ao bebê a internalização de que sua mãe é a guardiã de seu sono. Com isso ele não precisa ficar agitado procurando desesperadamente no mundo exterior uma fonte de satisfação libidinal e narcísica.



O bebê acomodado e protegido no colo vai construindo, por meio desse contato intercorpóreo, autoconfiança para dormir em paz. Todavia, é preciso observar o modo como a mãe se relaciona com o seu bebê na hora de colocá-lo para dormir. Espera-se que não seja na forma de uma superestimulação constante nem na maneira de um interesse insuficiente. A qualidade do ambiente preparado para acolher o bebê é decisiva para a estruturação subjetiva do corpo. O movimento de fundir e desfundir dos corpos mãe-bebê torna-se fundamental no advir subjetivo do corpo. Mcdougall (2013) afirma que a mãe amamenta o bebê, mas também deve ter uma vida sexual, profissional, doméstica e social. A justa medida desse ciclo de ligar, desligar e religar pode ser preciosa para se formar a passagem do universo meramente sensorial para o simbólico.

Mcdougall (2013) chama atenção para a criação de peças de teatros internas inscritas na primeira infância que possuem um efeito duradouro sobre a vida do adulto, em especial, sobre sua sexualidade. Inconsciente e sexualidade são os temas privilegiados da psicanálise. Nosso corpo, que tem o solo do mundo como morada ontológica, percebe, se move e se expressa em direção às coisas. Para a psicanálise, essas coisas não são apenas aparências perceptivas. Elas são, fundamentalmente, objetos de amor. Todavia, mesmo admitindo o caráter primordialmente erótico de nossos vínculos, nossas experiências afetivas ganham presença no mundo pelas sensações, motricidade e expressão, experienciadas pelo nosso corpo que percebe.

Essas reflexões nos fazem lembrar da personagem Nina do filme *Cisne Negro*, do cineasta Darren Aronofsky, que treinava compulsivamente para conseguir um papel de destaque numa coreografia. Fazia exigências excessivas ao seu corpo para alcançar uma performance perfeita. Sua mãe era muito severa com relação aos treinamentos. Bailarina frustrada por ter que abandonar a carreira de bailarina em função de ter ficado grávida de Nina, sua mãe vive para fazer da filha uma grande bailarina. Na cena final do filme, Nina morre no palco, escutando os aplausos do público e expressando a potência máxima do corpo em busca da perfeição. Nina buscava representar a delicada e gentil personagem do cisne branco e, ao mesmo tempo, encarnar a ousada e sedutora personagem do cisne negro. Ela desenvolveu alucinações que lhe fez perder as fronteiras entre a realidade e a imaginação. Ela carrega no seu corpo as marcas dos vínculos primordiais que determinam os seus desempenhos nos teatros do corpo.

Todo processo de subjetivação consiste no desafio de se fazer sujeito pelo próprio corpo. É experimentando nossos corpos nas relações com os outros corpos que nos tornamos sujeitos. Construir uma existência pessoal e distinta a partir dos vínculos intercorpóreos é o palco primordial do tornar-se sujeito. Nesse sentido, não são apenas os conflitos psíquicos que são convertidos em sintomas no corpo. Mcdougall (2013) expõe em destaque, nas suas reflexões psicanalíticas, os desafios de converter em psíquico o que se exprime sob a forma de perturbações somáticas. A perspectiva psicossomática é convertida em somatopsíquica. No nosso entendimento, essa forma de pensar, que se relaciona sob a forma de teatros do corpo, é uma fonte inspiradora para se pensar o corpo a procura de se constituir-se enquanto expressões subjetivas.

### **Considerações finais**

Apoiando-se na Fenomenologia de Merleau-Ponty e nas elaborações psicanalíticas de Freud e Mcdougall, podemos dizer que nossas primeiras relações com o mundo são de natureza presencial e não representacional. São os nossos modos primordiais de se fazer presente ao mundo que nos revelam nossas primeiras condições do processo de tornar-se sujeito. O irrefletido ganha, assim, um lugar

especial nesse processo. Definitivamente, para Merleau-Ponty, Freud e McDougall não há sujeito sem corpo e sem mundo. Mesmo que eles e ela tenham tomados caminhos diferenciados em seus argumentos, seus escritos se encontram na perspectiva de que é em nosso corpo que experimentamos uma interioridade primordial sempre em relação com o outro.

A intercorporeidade é o solo teatral da construção dos polimorfos e complexos modos de ser da subjetividade pela corporeidade. Toda ação humana se realiza por meio do entrecruzamento entre percepção, motricidade e expressão que constitui a estesiologia primordial de nossa existência enquanto sujeitos sempre pertencentes ao mundo. Sem o teatro do corpo, pertencendo ao solo primordial do mundo sensível, não podemos nos fazer sujeitos. Por meio desse pertencimento primígeno e perpétuo podemos considerar os desejos conscientes e inconscientes que revelam a presença de uma negatividade radical em que há sempre uma impercepção na percepção, uma imobilidade na motricidade e um não manifesto na expressão. A fenomenologia e a psicanálise nos permitiu considerar os teatros do corpo para pensar a corporeidade se fazendo subjetividade pelos diferentes estilos de vida no seio do mundo.

### Referências

- BARBARAS, Renaud. **Sentir et faire. La phénoménologie et l'unité de l'esthétique.** Fougères: Encre Marine, 1978.
- BONFAND, Alain. **L'expérience esthétique à l'épreuve de la phénoménologie. La tristesse du roi.** Paris: PUF, 1995.
- CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty.** João Pessoa: Editora da Universitária da UFPB, 2010.
- CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Corpo vivo e corpo pulsional: um diálogo entre Merleau-Ponty e Freud. In: BARROS, Neuma, CAMINHA, Iraquitan de Oliveira Caminha e DE ALMEIDA, Ronaldo Monte. **Narrativas do corpo: textos de psicopatologia fundamental.** 2 ed. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016.
- FREUD, Sigmund. (1915) **Os instintos e suas vicissitudes.** In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas de S. Freud (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1974, V. XIV.
- FREUD, Sigmund. (1920) **Além do princípio do prazer.** In: Obras completas, Volume 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. (1926) **Inibição, Sintoma e Angústia.** In: Obras completas, Volume 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MCDUGALL, Joyce. **Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. (1945) **Phénoménologie de la perception.** Paris, Gallimard, 1992.

Recebido para publicação em 01-06-21; aceito em 15-06-21